



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

O CORPO NOS ESTUDOS DA INTERCULTURALIDADE CRÍTICA¹

Jonathan Stroher,

Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/UFMT)

Beleni Salete Grando,

Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/UFMT)

RESUMO

Fundamentado na pesquisa bibliográfica o presente texto tem como objetivo apresentar o conceito de Catherine Walsh sobre interculturalidade crítica, articulando-o ao olhar socioantropológico de estudos do corpo. Compreende-se o corpo moldado pela colonialidade e atravessado pela noção de interculturalidade funcional, o que o mantém na hierarquia colonial-racial, enquanto o projeto de interculturalidade crítica busca decoloniza-lo a partir da compreensão de si no contexto social.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; decolonialidade; interculturalidade.

INTRODUÇÃO

Buscamos nesse texto, como um recorte da pesquisa sobre a educação do corpo na perspectiva intercultural, visualizar como o corpo é compreendido no conceito apresentado por Catherine Walsh sobre interculturalidade crítica. A autora evidencia outras epistemologias de produção do conhecimento, expressas pelos corpos latino-americanos, ao articular o saber Sul-epistêmico como possibilidades de contrapor a lógica centrada no saber do Norte.

Para isso, metodologicamente, nos ancoramos na pesquisa bibliográfica (GIL, 2006) a partir da leitura de Walsh (2002; 2007; 2008; 2009; 2012) e da sociologia do corpo em Le Breton (2007), considerando as experiências do grupo de pesquisa e suas ações formativas de educação intercultural do corpo na escola.

INTERSECÇÕES – CORPO E COLONIALIDADE

O conceito de interculturalidade ganha força nos anos de 1990 pela sua incorporação como categoria em fóruns mundiais, além de sua utilização como eixo central em legislações nacionais de países da América Latina, como a Bolívia e o Equador. As ações políticas nesses

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



países buscavam ressaltar a mobilização dos movimentos indígenas e afrodescendentes, pelo exercício de seus direitos políticos e educativos, após de anos de segregação, miscigenação e integração aos modelos sociais eurocêntricos. Para análise deste movimento, dialogamos com Catherine Walsh, que têm contribuído significativamente para o entendimento de interculturalidade como uma pedagogia crítica e uma práxis que enfatiza o reconhecimento da diversidade cultural em um contexto geopolítico marcada pela colonialidade (2008; 2009).

Ao se referenciar pela Escola Modernidade/Colonialidade, da qual também é membro, postula a existência de colonialidades como representações e práticas herdadas do processo de colonização europeia, que entre os séculos XV e XIX esteve assentada na exploração e na escravidão de grupos indígenas e negros escravizados.

Um dos principais representantes desta “Escola” que retoma os estudos interculturais é Aníbal Quijano (2005), ao trazer o debate complementar ao conceito de sistema-mundo de Immanuel Wallerstein, para juntos falar da modernidade como uma ideia-conceito ou um discurso de um modelo civilizatório. Esta noção, segundo Quijano (2005), estabelece uma ordem social que tira as diversidades epistemológicas e ontológicas para fundamentar desigualdades, baseadas em perspectivas dualistas (natureza/cultura, tempo/espaço, corpo/mente, espaço/lugar) e reducionistas (evolucionismo unilinear, hegemonia ibérica e do Atlântico Norte).

Nesta direção, Walsh (2008) nos mobiliza pensar criticamente a interculturalidade como fundamental para entender a matriz colonial estruturada pelos eixos da colonialidade apresentados por Quijano (2005): poder, saber, ser, viver. A colonialidade do poder está ligada ao capitalismo mundial e ao controle, dominação e subordinação da população pela ideia de raça, naturalizada na América Latina, assim como em outros contextos do planeta, como modelo de poder moderno e permanente. A colonialidade do saber se refere ao posicionamento eurocêntrico como uma ordem exclusiva da razão, do conhecimento e do pensamento, que descarta e desqualifica a existência e a viabilidade de outras racionalidades epistêmicas; conhecimentos que não os dos homens brancos europeus ou europeizados. Já a colonialidade do ser se manifesta pela inferiorização, subalternização e desumanização com os seres humanos cuja cor e ancestralidades permanecem marcadas, especificamente nos afrodescendentes e indígenas. Por fim, a colonialidade do viver enfatiza as raízes europeias-americanas e cristãs como formas de inviabilizar outras possibilidades de conexão com

espiritualidades e modos de vida, silenciando a base de vida dos povos indígenas e de matriz africana.

A partir deste entendimento, compreendemos um processo de colonialidade do corpo, estruturado pela amálgama dos eixos apresentados por Quijano (2005) e que se relaciona ao que nos ensina Le Breton (2007, p. 9) sobre as aprendizagens do corpo, pois se “[...] a ordem social se infiltra pela extensão viva das ações do homem para assumir força de lei, esse processo nunca está completamente acabado”, e por isso, a nós implica na consciência de si.

Para Le Breton (idem), as aprendizagens do corpo configuram-se como um processo em eterna construção, um *continuum*, já que “a expressão corporal é socialmente modulável”, uma vez que é na mediação com o outro que são favorecidas, ou impostas, trocas que contribuem para delimitar os contornos do corpo em cada relevo social. Nessa lógica, existe uma dimensão da posse do corpo, pois ele é a representatividade do homem e da mulher, o que configura, então, uma dualidade entre “ser” e “ter” que “[...] opõe o indivíduo ao corpo e, de maneira abstrata [e], supõe uma existência para [o] corpo que pode ser analisada fora [...]” dele (p. 9).

Visualizamos a colonialidade do corpo nesse terreno social conflitivo considerando os processos vividos historicamente por indígenas e afrodescendentes como símbolos de exploração, afastando-os de sua concretude corpórea como seres humanos, subjugados pelas relações de poder, de saber, de ser e de viver, justificada pela classificação e hierarquização de suas diferenças impostas na estrutura social.

Lópes (2015) corrobora com isso afirmando que o corpo evidencia as relações de poder a partir de seus usos políticos, que por vezes subalternizado e destituído de construções históricas e culturais têm seus direitos de viver sua humanidade, subjetividade e sentidos de ser e estar no mundo, roubados. Assim, pode-se compreender o corpo latino-americano subjugado pela colonialidade como leitura da realidade, para entender a incorporação das desigualdades sociais como históricas nesse mesmo processo de invisibilidade do poder e ser.

APONTAMENTOS – INTERCULTURALIDADE CRÍTICA E DECOLONIALIDADE DO CORPO

Compreendida a dinâmica da colonização dos saberes e práticas que orientam os modos de vida sob uma visão eurocêntrica no contexto da América Latina, Walsh (2009) faz

um chamamento para considerar a interculturalidade crítica como uma possibilidade de transgressão do problema estrutural-colonial-racial que materializa no cotidiano das relações na sociedade do capital. Neste sentido, toma o conceito enquanto uma ação político-pedagógico, pois assume os interesses das lutas dos corpos indígenas e afrodescendentes, no sentido da decolonidade, bem como um ato pedagógico-político ao considerar tal perspectiva enquanto práxis que busca a transformação das estruturas, instituições e relações sociais consolidadas pelo eurocentrismo.

Todavia, para traçar novos percursos é fundamental compreender as noções de interculturalidade relacional, funcional e crítica. A primeira se refere, de maneira mais básica e geral, ao contato e intercâmbio entre culturas, que normalmente esconde ou minimiza conflitos, contextos de poder e de dominação contínua nas situações em que a relação emerge. Já a interculturalidade funcional se limita ao atendimento dos ideais neoliberais dando uma falsa impressão de inclusão, mas que na realidade age de forma intensa e feroz nas esferas do saber e do ser, privilegiando uns em detrimento das diferenças do outro e ocultando as desigualdades que se estruturam e se mantêm em seu interior, enquanto lógicas de poder. Por fim, a interculturalidade crítica questiona o modelo social atual e parte do problema do poder, dos padrões estabelecidos na racialização e da diferença que se consolidou na colonialidade lógica (WALSH, 2009).

No sentido da transformação social, é preciso entender a interculturalidade sob o seu viés crítico, como um processo que busca visibilizar, enfrentar e transformar as estruturas que se utilizam das diferenças para posicionar corpos, sociedades, pensamentos e ações em uma lógica racializada, de caráter moderno-ocidental de colonialidades.

Para tal, Walsh (2002; 2007; 2008; 2009) toma como marco teórico os estudos da decolonialidade, para fundamentar a noção de interculturalidade como uma pedagogia crítica. Sua conceitualização da decolonialidade como uma análise teórica-analítica de luta política e identitária, retoma a ideia dos “[...] eixos de luta dos povos sujeitos à violência estrutural, assumida como atitude, projeto e posicionamento - político, social e epistêmico - frente (e além de) as estruturas, instituições, relações de subjugação” (2008, p. 135).

Assumir a decolonialidade como campo de análise da operatividade da colonialidade, nos permite pensar e expor as relações de dominação como parte da herança do colonial e da

consolidação da modernidade em um campo de representações, onde se nega o conhecimento, a alteridade e a espiritualidade expressos pela diversidade dos corpos.

Como a interculturalidade crítica parte da leitura desses elementos, consequentemente, pensar a decolonialidade do corpo perpassa por esse olhar de si, compreendendo as marcas que constituem as aprendizagens corporais nas relações cotidianas, os processos históricos de lutas pela afirmação das identidades que emerge da “[...] corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários”, oriundas desse território no sentido da insurgência e (re)existência do corpo (LE BRETON, 2007, p. 7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interculturalidade crítica com vistas a decolonialidade, nos permite conhecer a hegemonia do pensamento eurocêntrico, a reprodução cotidiana que oculta a alteridade e especialmente os problemas de identidade das elites brancas e mestiças ao reproduzir historicamente imaginários coloniais para se diferenciar e inferiorizar a diversidade dos corpos na América Latina.

Por fim, Walsh (2002; 2007; 2008; 2009; 2012) nos possibilitou aprender que a interculturalidade crítica ainda não existe, mas é algo para se construir, o que converge com o pensamento da sociologia do corpo sobre a aprendizagem corporal, em eterna construção. Por isso, pensar a decolonialidade do corpo é uma lógica possível, mas que requer outras perspectivas de construção das aprendizagens, partindo relação do “eu com o outro”, orientados por uma dimensão crítica e intercultural.

THE BODY IN THE STUDIES OF CRITICAL INTERCULTURALITY

ABSTRACT

Based on bibliographic research, this text aims to present Catherine Walsh's concept of critical interculturality, articulating it to the socioanthropological view of body studies. The body shaped by coloniality is understood and crossed by the notion of functional interculturality, which keeps them in the colonial-racial hierarchy, while the project of critical interculturality seeks to decolonize it from the understanding of oneanother in the social context.

KEYWORDS: *body; decoloniality; interculturality.*



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

EL CUERPO EN LOS ESTUDIOS DE INTERCULTURALIDAD CRITICA

RESUMEN

A partir de la investigación bibliográfica, este texto pretende presentar el concepto de interculturalidad crítica de Catherine Walsh, articulo a la visión socioantropológica de los estudios corporales. El cuerpo moldeado por la colonialidad es comprendido y atravesado por la noción de interculturalidad funcional, que los mantiene en la jerarquía colonial-racial, mientras que el proyecto de interculturalidad crítica busca decolonizarla desde la comprensión de unos a otros en el contexto social.

PALABRAS CLAVES: cuerpo; decolonialidad; interculturalidad.

REFERÊNCIAS

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Atlas, São Paulo, 2006.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 2. Ed. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ. Vozes, 2007.

LÓPEZ, L. C. O corpo colonial e as políticas e poéticas da diáspora para compreender as mobilizações afro-latino-americanas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 301-330, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/horizontes/933>. Acesso: 19 abr. 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.) **A colonialidade do saber**. Eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Coleção Sur Sur, Buenos Aires: CLACSO. set. 2005, p. 227-280.

WALSH, C. (De)construir la interculturalidad. Consideraciones críticas desde la política, la colonialidad y los movimientos indígenas y negros en el Ecuador. In: FULLER, N. (Org.). **Interculturalidad y política**. Desafíos y posibilidades. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales, 2002. p. 115-142.

WALSH, C. Interculturalidad, colonialidad y educación. **Revista Educación y Pedagogía**, Medellín-Colômbia, v. 19, n. 48, p. 25-35, mai./ago. 2007. Disponível em: https://www.flacsoandes.edu.ec/sites/default/files/agora/files/1265909654.interculturalidad_colonialidad_y_educacion_0.pdf Acesso: 09 jun. 2020.

WALSH, C. Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgencias político-epistémicas de refundar el Estado. **Tabula Rasa**, Bogotá - Colômbia, n. 9, p. 131-152, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39600909> Acesso: 30 nov. 2019.





CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

WALSH, C. Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas. **Visão Global**, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, jan./dez. 2012. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/view/3412> Acesso: 24 nov. 2019.

WALSH, C. **Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver**. In: CANDAU, V. (org.) Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. 7 Letras. Rio de Janeiro. 2009, p.12-42.

